

***BEING-PARTKDOLG DUTY*¹**
O trabalho consciente e o sofrimento intencional
J. G. Bennett

O caminho ordenado inicialmente pelo nosso Criador Infinito para o aperfeiçoamento dos seres tri-cerebrados² é o “trabalho consciente e o sofrimento intencional.” Isto pertence à realidade espiritual e nós não podemos pensar nisso de uma forma ordinária. A menos que possamos ver algo além deste mundo, *being-partkdolg duty* não significará nada para nós. Isto se refere a ir além deste mundo na busca por um outro modo de ação. Existe um grande trabalho no Universo – e este é meramente o trabalho da máquina? Se não é um trabalho mecânico, então o que é? É inútil apresentar ideias de anjos ou seres de algum tipo especial. Que tipo de contribuição, supostamente, esses seres podem fazer ao mundo? Se ele é mecânico, esses seres podem fazer alguma diferença, eles podem fazer o mundo parar de ser mecânico?

As coisas importantes que necessitamos entender tornam-se acessíveis se nós apenas nos voltarmos para elas. Há este ar. O que é o ar? Ele é infinito: não há um exterior nem um interior, nenhuma barreira que ele possua, nem nenhuma superfície. Deixado a si mesmo, o ar e cada partícula dele, movem-se livremente. Em qualquer momento, incontáveis partículas vindas de todas as partes do sistema solar entram em nossa atmosfera. Embora atenuada, a qualidade do ar permanece, mesmo nos espaços onde ele é milhões de vezes mais rarefeito que o ar que respiramos.

Toda a vida respira e tudo respira o mesmo ar. O ar é o suporte da vida ou o meio para a vida. Ele é um meio para o som e para o vapor de água que é necessário para a manutenção da vida. Sem ar, a água não pode vir para a terra e sem ar, não poderíamos suportar a radiação do sol. O ar separa o tolerável do intolerável; ele toma o insuportável para si mesmo e nos deixa as qualidades benéficas. Através do ar, água e da luz do sol as rochas se tornam solo fértil que sustenta a vida, mas o ar é o meio para todas elas.

O ar nos provê uma imagem para a generosidade ilimitada, que se oferece livremente para tudo. Para todas as coisas – grandes e pequenas, necessárias ou destrutivas, boas ou más – é dado o mesmo ar para que respirem. O ar pode nos servir como uma representação da compaixão ilimitada, através da qual, todas as coisas são mantidas. Na verdade, o ar é esta compaixão: ele tem a qualidade atribuída a ele não através de nosso pensamento, mas de uma forma muito mais concreta que podemos sequer imaginar.

Nós estamos envolvidos por qualidades espirituais, mas elas não pertencem aos seres e certamente, não a nós, pessoas. Elas são parte do trabalho que sustenta a vida.

¹ Esse capítulo faz parte de um livro de Bennett cuja referência completa está na última página deste texto. Este livro apresenta uma série de palestras proferidas pelo autor sobre a obra *Relatos de Belzebu a seu neto* de autoria de G. I. Gurdjieff (Horus 2003). O termo *being-partkdolg duty*, utilizado para nomear o capítulo, é empregado por Gurdjieff em seu livro e pode ser traduzido aproximadamente como “deveres essenciais” ou “deveres do ser”.

² Esse termo é utilizado para referir-se ao ser humano, e a explicação mais freqüente para ele é de que os três cérebros corresponderiam aos três aspectos mais fundamentais do funcionamento da psique humana que são o corpo, as emoções e o pensamento.

Gurdjieff usa as palavras “trabalho consciente.” Que tipo de trabalho pode ser chamado de consciente e o que significa fazer esforços conscientemente? Tudo o que vive tem que se empenhar. Uma planta tem que empurrar suas raízes para dentro do solo e suas folhas para o alto. Tudo tem que trabalhar para viver. Isto não é trabalho consciente, é uma necessidade de funcionamento de tudo. Tudo o que vive tem que cumprir esses requisitos mínimos e o mesmo ocorre conosco.

Olhando para nós mesmos, podemos também ver que existem coisas que somos direcionados a fazer por nossa própria natureza. Algumas destas são um tipo genuíno de trabalho, algo que nos complementa, trabalho essencial. Outras são imaginárias, resultantes de sugestão, algo que é colhido do meio social. Isto pode ser relacionado com trabalho escravo e sempre haverá um elemento de escravidão nele.

Existe esforço diante de uma meta ou outra, ou de alguma recompensa. Podemos trabalhar com intensidade para atingir algo e tais esforços, é claro, são legítimos. Praticamente todas as pessoas entram no fluxo psicocinético através de alguma luta na busca por uma recompensa: elas se tornam melhores, mais fortes, livres deste ou daquele problema, atingem novos níveis de ser e assim por diante. Nada disso pertence ao trabalho consciente. O trabalho consciente deve sempre estar fundamentado na necessidade de **agir sem considerar os frutos da ação**³.

Existe o trabalho simplesmente e apenas porque se deve trabalhar. Uma mãe serve sua criança porque ela deve. Se ela o faz em busca de alguma recompensa, ela está terrivelmente enganada. Por mais duro que seja o trabalho da mãe, por mais que ela reclame, o trabalho deve ser feito e ele não é **por** algo.

Isso pode ser colocado claramente assim: sempre que nós vemos algo que deve ser feito, isso significa que nos tornamos conscientes. Ver o que é necessário e ver o que é necessário, como necessário, é a primeira condição do trabalho consciente. É apenas quando fazemos o que deve ser feito simplesmente porque tem que ser feito, é que o trabalho pode nos liberar de nosso próprio egoísmo. Se trabalhamos por uma recompensa, esta recompensa está conectada com a satisfação de algo em nós e quase que certamente, este algo incluirá nosso próprio egoísmo, auto-amor.

A diferença entre esse tipo de trabalho, trabalho consciente, e o que é imposto a nós porque temos que viver e nos manter, não é algo do que as pessoas estão conscientes, instintivamente. Isto é algo do qual alguém está consciente apenas devido à sua natureza humana⁴.

Gurdjieff sempre apresenta essa ideia do trabalho consciente com a ideia do **serviço para o futuro** – da mesma forma que um semeador que planta a semente com esperança, mas sem se importar com quem irá se beneficiar da colheita. No seu livro *Relatos de Belzebu* todos aqueles que atingem a consciência objetiva através do trabalho consciente e do sofrimento intencional são pessoas que servem ao futuro da humanidade. Esta conexão com o futuro é intrínseca ao conceito de trabalho consciente; ele não é apenas uma questão de ênfase - tomar como sendo garantido ideias ordinárias de serviço na presente situação. O trabalho consciente é preparar um futuro melhor.

³ As ênfases em negrito são do próprio autor (nota do tradutor).

⁴ Que é parcialmente espiritual, isto é, **não condicionada** (nota do autor).

O semeador é seguido por aquele que faz a colheita que, por sua vez, está preparando o futuro. O grão não é para ser consumido no campo de colheita; é para ser armazenado e convertido em farinha, para mais tarde se fazer o pão. A cada passo, o fruto da ação é para ser apreciado no futuro. Por que tem que ser assim? Isto é assim porque o futuro é o reino da criação; ele está aberto para ser criado enquanto que o presente está se fechando, perecendo, indo em direção ao final. Quanto mais perto chegamos do momento presente do tempo, mais este perecimento é inevitável.

Cada pequena coisa que vem a este mundo requereu algum tempo para dar seus frutos; e para as coisas maiores, centenas ou mesmo milhares de anos, foram requeridos.

Servir ao futuro é uma ação muito especial e uma forma de liberação da falsidade e cegueira que Gurdjieff descreveu como “conseqüência do órgão *Kundabuffer*⁵”. Do *Kundabuffer* vem avareza, reivindicação para nós mesmos, evitar a realidade, decepcionar a nós mesmos e aos outros, e todas essas coisas são apenas possíveis enquanto vivermos uma vida falsa e fingida. Se a pessoa se coloca a serviço do futuro, o fingimento deve ser abandonado. Mas, o que há para dar suporte? Aqui surge o sofrimento intencional. Sem isto, o trabalho consciente irá tornar-se árido e vazio.

É necessário que haja clareza quanto aos diferentes tipos de sofrimento. Existe um tipo de sofrimento que é danoso, e que chamamos de “sofrimento maligno.” Ele é danoso em sua origem e em seus resultados. Todo o sofrimento que vem do desejo nocivo, ódio e rejeição dos outros, pertence a esse tipo.

O segundo sofrimento maligno é a dúvida, e isto não é fácil de ser compreendido. A dúvida é a condição onde alguém pede por evidência e prova, e se recusa a aceitar algo a não ser que seja demonstrado. De onde isso vem? Isto vem do próprio egoísmo e do desejo de ter algo sem merecer. Precisamos compreender que esta dúvida é um pecado.

Neste mundo, o próximo passo à nossa frente sempre está claro e podemos sempre dizer, a cada momento, o que temos que fazer. Quando o amanhã vem, pode haver perguntas e incertezas, mas se dissermos: “Como podemos continuar, a menos que possamos ter alguma segurança sobre o amanhã?” estamos fazendo uma exigência ilegítima. Muitas pessoas sofrem deste tipo de questionamento e angústia. Na superfície, isto pode parecer ser justificável, mas é tanto uma auto-indulgência quanto uma manifestação de egoísmo. Quando vemos que a dúvida é um tipo errado de sofrimento, então nossa atitude muda. Vemos que não é necessário duvidar. Existe uma diferença entre perguntar e exigir respostas. Podemos viver perfeitamente sabendo o que devemos fazer neste momento, sem nenhuma certeza sobre o que virá ou sobre o que acontecerá amanhã.

O terceiro tipo de sofrimento maligno é a avareza. Disto, várias formas de sofrimento surgem: medo da privação, medo da perda, todos os sofrimentos que vem da possessividade

⁵ Segundo a obra citada, esse órgão teria como função principal fazer com que o homem permanecesse semi-desperto, para assim evitar que ele atingisse uma consciência plena. Isso foi necessário porque, inicialmente, dotado de plena consciência de seu ponto na criação, o homem experimentava grande sofrimento por sentir-se tão longe do Criador. Esse sofrimento seria tão grande que o faria preferir abrir mão da própria vida a permanecer nele, o que poderia desestabilizar a criação. Porém, com o passar do tempo, esse risco de foi corrigido e o órgão foi retirado, porém seus efeitos permaneceram. E um deles, de grande importância, é a tendência à repetição e daí, à mecanicidade, que imperam na vida humana. Assim, apesar de sua possibilidade de atingir uma capacidade total de consciência objetiva, o homem se habituou a exercer uma visão limitada e distorcida da realidade (nota do tradutor).

em nossas relações pessoais, uns com os outros ou com as coisas externas. Tudo o que tem a ver com exigências refere-se a mim e a meus direitos, e produz um sofrimento que é ilegítimo.

O quarto tipo é o amor por si mesmo, cuja forma mais óbvia é a auto piedade. Existe toda uma gama de sofrimentos que surgem quando temos preocupações demais conosco. Muito sofrimento surge porque nós não aceitamos sofrer e as pessoas que não aceitam o sofrimento inevitável acumulam dez vezes mais sofrimento sobre elas mesmas.

Finalmente, existe o sofrimento conectado com o tempo, tais como impotência e arrependimento. Sofremos por causa de algo que aconteceu no passado ou porque algo que nós ansiávamos e esperávamos, não aconteceu.

Todos esses tipos de sofrimento são ilegítimos. Pode-se considerar que eles correspondem ao conceito de pecado. O sofrimento maligno é mais sério que a auto indulgência porque, através da auto indulgência, às vezes, pode surgir certa liberdade do próprio egoísmo. O sofrimento maligno enraíza o egoísmo mais firmemente em nós e foi em direção a isto que Gurdjieff dirigiu sua injunção: “Você deve aprender a sacrificar o sofrimento.”

Além disso, existe também o sofrimento que é menos pecaminoso que fútil: preocupação, indignação frente à injustiça, ansiedade em relação ao futuro. Nada disso traz algum bem para ninguém. Isto é sofrimento *vicármico*⁶. Este, nós também precisamos aprender a sacrificar. Ele não vem necessariamente de um local errado em nós, mas é desnecessário, e para algumas pessoas resulta em um tipo de paralisia.

Além destes, há o sofrimento que é genuinamente inevitável, tal como o sofrimento que surge de uma doença, da humilhação, e do luto. Isso não é ilegítimo; ele assumirá uma dessas formas, e todos nós, em algum momento, o teremos. Este é o sofrimento que é capaz de ser transformado e isto o distingue do sofrimento danoso e inútil que não podem ser transformados em um resultado positivo. O sofrimento inevitável pode até mesmo ser um meio de purificar nossa natureza espiritual.

Como uma forma de ilustração, podemos nos voltar para a história de Ahamad Rifai, o fundador da ordem dervixe dos Rifai⁷. Ele teve uma vida muito dura por causa de sua rejeição e não ortodoxia frente à interpretação do Islã. Ele também assumiu práticas ascéticas muito severas. Ele disse: “Eu queria entrar no Reino dos Céus e tentei um portão depois do outro, mas havia sempre tantas pessoas tentando passar por ele que eu não conseguia atravessar a multidão. Então, fui até um portão onde não havia ninguém e eu pude facilmente, ultrapassa-lo e este foi o portão da humilhação.” Se a pessoa sabe como se aproveitar da humilhação, tudo torna-se maravilhosamente fácil.

Sufrimento devido à doença pode transformar-se, facilmente, numa questão de auto piedade e de avareza. As pessoas podem explorar a doença nesse sentido, e isto se torna uma grande perda para elas. O sofrimento real, quando uma pessoa está próxima da morte, é diferente disso. Quem quer que tenha estado perto da morte devido à doença, sabe que uma porta é

⁶ *Vicarma* é usualmente traduzido como ‘ação danosa’. Seria melhor usar a palavra *acarma* que significa ‘inútil.’ (nota do autor).

⁷ Ahamad Rifai (1182) nasceu no Iraque e é considerado o elemento central da ordem *Rifai*, uma ordem sufi. Atualmente essa ordem está associada à ordem *Qadiri*, cujo fundador foi Abdul Qadir (nota do tradutor).

Para mais informações sobre essa ordem ver <http://www.qadiri-rifai.org/>.

Para mais informações sobre o sufismo ver <http://www.imagomundi.com.br/espiritualidade.htm>.

aberta. Certas coisas que aconteceram comigo, aconteceram apenas porque eu estava perto da morte. Não há nada que seja mais merecedor de gratidão. Frequentemente, tenho estado com pessoas que sofrem de câncer. É muito estranho. Não apenas a pessoa sofre, mas todos os demais, que lhe são caros, sofrem também. Tenho visto em muitos casos que nesta doença, apesar do corpo ser destruído, a alma é curada.

Existe algo no sofrimento que vem com a falha, humilhação, doença, a aproximação da morte, ou do luto que é capaz de ser transformado em sentimentos positivos ou sagrados. Dele, a esperança, obediência e a fé podem surgir, e o amor pode e surge também.

É errado acreditar que o sofrimento que eu chamei de inevitável surge como uma punição aos nossos pecados. Deve-se compreender que a punição aos pecados é um privilégio. (De minha parte, sempre oro e peço: “Que as conseqüências de meus atos caiam rapidamente sobre mim.”) O sofrimento que surge pode ser a abertura de uma porta; pode ser uma oportunidade dada a alguém para que ele se liberte. Isto é totalmente diferente da punição com um sentido de retribuição. Gurdjieff deixa isso bastante claro no capítulo chamado de *Lentrohamsanin*⁸ - segundo seu ponto de vista, a retribuição é uma situação muito rara. O sofrimento que surge por se trabalhar em leis mais elevadas é um meio aberto para nós, um caminho de liberdade.

Em todos os casos acima, o sofrimento envolvido veio para nós ou surgiu em nós sem que nossa própria vontade tivesse participado – ele aconteceu para nós, de uma forma ou outra. Quando temos um papel ativo frente ao surgimento do sofrimento, Gurdjieff faz a distinção entre dois tipos: **voluntário** e **intencional**. O sofrimento voluntário é bastante direto. É o sofrimento que alguém impõe a si mesmo para atingir algo. O exemplo típico é o do atleta que disciplina a si mesmo, submete-se às ordens do treinador e se priva da maioria dos prazeres naturais da vida para ganhar uma competição. Outro exemplo característico é o do sovina que não possui nada e passa fome simplesmente para acumular dinheiro. Tal sofrimento está conectado com o trabalho que é direcionado para uma recompensa ou outra. Ele apenas justifica-se por seus frutos. Em alguns casos, ele pode nos levar além do resultado que buscamos, mas não muito além.

Agora, o que significa o sofrimento intencional? Este é o ponto central. Sofrimento intencional é o sofrimento que é atraído para si mesmo, aquele ao qual o indivíduo se expõe para cumprir com seu dever. Ao fazer aquilo que deve ser feito, a pessoa tem que aceitar uma situação que pode lhe trazer problemas, embora isso não seja sempre obrigatório. O exemplo mais simples é o de fazer um benefício para outra pessoa, e estar preparado para aceitar a ingratidão ou incompreensão que pode resultar dessa ação, mesmo se isso tornar a relação com essa pessoa, pior do que se nada tivesse sido feito.

Os grandes Mensageiros demonstraram, de forma bastante clara, como isso funciona. Vamos começar com o exemplo de Buda. No início, ele seguiu o caminho do sofrimento voluntário. Com cinco companheiros ele assumiu para si a meta de conquistar sua própria natureza através de um ascetismo severo. Este é o caminho do atleta. Depois de um tempo, ele percebeu por si mesmo que isto não conduzia a liberdade e que através deste caminho, a pessoa permanecia presa. Ele olhou então para além dessa dimensão, e finalmente, viu o que estava na raiz da escravidão humana e se tornou livre.

⁸ “A destruição dos trabalhos do santo Ashiata Shiemash” (nota do autor).

Então, veio a tentação de Mara. Mara lhe disse: “Você atingiu a iluminação. Você está livre agora, e não tem mais necessidade de estar neste mundo; você pode entrar na perfeita liberdade.” Quando alguém vê o que esta vida realmente é, e o quão importante é ser capaz de ir para além das limitações da existência, pode-se então entender o que realmente a tentação de Mara significa. Mas, Buda respondeu: “Não. Eu tenho uma obrigação. Tenho que compartilhar tudo isso.” Mara tentou dissuadi-lo de que ele iria falhar e que as pessoas não iriam compreender, mas Buda o rejeitou. Buda assumiu para si a tarefa de compartilhar com os outros, o que ele tinha visto. Ao longo dos 50 anos seguintes, ele viveu uma vida dura, de trabalho constante. Seu próprio filho virou-se contra ele e houve uma divisão em sua escola porque algumas pessoas pensavam que seu caminho era muito negligente e que uma disciplina estrita era necessária. Ele foi rejeitado pelos brâmanes que não gostavam do fato dele descartar os privilégios da casta. E assim por diante. No final de sua vida, como um ancião que caminhava de vila em vila ajudando os necessitados, ele chegou à sua última refeição com Chunda, um ferreiro. Buda disse: “Dê-me as trufas, e dê o arroz e os bolos para os outros,” e então, ele enterrou as trufas.

A totalidade da vida de Buda depois da iluminação é uma representação do significado do trabalho consciente e sofrimento intencional. O sofrimento não foi imposto a ele. Ele, livremente, aceitou a obrigação de preparar algo para o futuro da humanidade e através disso, o sofrimento surgiu. Mas, isso não significa que Buda era uma pessoa triste, ou uma criatura miserável. Ao contrário, existem muitas indicações que ele era feliz e bem humorado, enquanto sua vida era de trabalho e sofrimento.

Maomé, o santo profeta de Deus, também seguiu um caminho de sofrimento intencional. Ele era, primeiramente, um jovem muito bem sucedido, conhecido como “Maomé o confiável”. Então, o poder espiritual o conduziu ao Monte Hera onde lhe foi revelado que ele deveria proclamar a unidade divina. Ele ficou aterrorizado, pois era claro para ele que ele seria rejeitado. Sua esposa, Khadija, e apenas mais duas pessoas deram-lhe suporte, enquanto que toda Meca virou-se contra ele, que na época, era o centro da peregrinação para a religião politeísta árabe. Ele foi exilado na Etiópia. Ele perdeu tudo e vagou, constantemente rejeitado e incompreendido. Apenas nos últimos anos de sua vida, dos 60 aos 63 anos, é que sua vida melhorou. Mesmo então, não se pode esquecer que seu único filho morreu – e houve ainda muitas outras dificuldades. Bem no começo, Maomé viu claramente que o que ele deveria fazer lhe traria problemas. Isto é o sofrimento intencional.

Devo também falar sobre o exemplo do nosso senhor Jesus Cristo. O quadro todo mostrado nos Evangelhos é de um homem de tristezas, acostumado com os pesares. Ele nunca abandonou seu trabalho, vagando de cidade em cidade, aceito e rejeitado, até seu sacrifício final. Tudo isso foi visto previamente, e foi aceito.

Nada disso é diferente com o homem perfeito. Gurdjieff, de sua própria forma, exemplifica os mesmos princípios do trabalho consciente e do sofrimento intencional para o bem do futuro. Sempre que houver uma necessidade de algo, para o bem do futuro, haverá a necessidade por pessoas que sejam capazes de suportar o estresse que surgirá com a mudança; e deve haver uma preparação. Isto é representado na vida de Jesus, cuja missão não teve início antes dos 30 anos. O mesmo é verdadeiro para Buda e Maomé, que não começaram seu trabalho antes dos 40 anos.

O trabalho consciente e o sofrimento intencional são apenas para os raros ou para seus discípulos, companheiros e seguidores?

Atualmente, isto é diferente. As necessidades do mundo são muito mais amplas e há uma tarefa que não pode ser mais cumprida por uns poucos. Muitas pessoas estão em necessidade. Jesus disse que a colheita é generosa, mas os que colhem são poucos, e hoje em dia, isso é ainda mais acentuado. A colheita é enorme – o futuro completo da humanidade.

Como isso se relaciona conosco? É suficiente dizer: “Desejo servir. Devo ser capaz de servir.” Não é legítimo dizer: “Vou servir quando isso for bom para mim,” porque funciona quando temos que servir apesar da situação não ser boa para nós. “Vigie e reze, pois não sabemos o dia e a hora em que o Filho do homem virá.” Nós temos que ser como o ar; deixe que as coisas nos conduzam, deixe que tudo seja transmitido através de nós.

Discussão

Pergunta: Posso dizer a mim mesmo: “Eu realmente quero me comprometer neste caminho” mas isto é muito superficial. Como posso aprofundar?

Bennett: Todos nos sentimos assim. Você deve considerar isso como um todo. Quão freqüentemente eu disse: “Se eu apenas tivesse percebido, eu teria feito algo sobre isso” quando já é tarde demais. Agora, vejo que tenho que aceitar isso. Existem certos tipos de defeitos que parecem não mudar. Por outro lado tem havido uma grande conscientização ao redor do Trabalho. Ele está mais enraizado em mim como um todo. Quando alguém vê um obstáculo em si mesmo na forma como você descreveu, essa pessoa pode transformar isso num forte desejo de trabalhar sobre si. Este é realmente um tipo particular de sofrimento involuntário e pode ser transformado. Quando as coisas dão errado, particularmente quando isso é devido a algo em nós, a energia que surge da falha pode ser direcionada ao Trabalho. Existe uma parábola sobre isso no *Mathnawi* de Rumi. Provavelmente, esta é uma velha história que Rumi reproduz. Um homem chegou na mesquita para a oração, mas quando ele chegou as pessoas já estavam saindo. Uma dessas pessoas lhe perguntou: “Onde você está indo?” “Para a oração,” ele respondeu. “Você está muito atrasado,” lhe disseram: “O Profeta já ofereceu as bênçãos finais.” Ao ouvir isso ele lamentou sinceramente e suspirou: “Ah!” O outro olhou para ele e disse: “Se você me der esse seu ‘Ah!’ eu alegremente lhe darei todas as minhas orações.” A conscientização de nossa própria negligência pode ser uma fonte importante de energia para nós no trabalho. Tentar suplantar isso diretamente pode não ser efetivo; mas isso, não posso lhe dizer.

Pergunta: Me parece que a intenção mais elevada do sofrimento intencional pode ser facilmente contaminada. Como se pode lidar com isso?

Bennett: Uma parte da resposta é que podemos ajudar uns aos outros. Ao que parece, Maomé talvez não tivesse dado cabo de sua missão se não fosse por sua esposa e por seu tio, que o apoiaram quando ele estava cheio de dúvidas sobre si mesmo e sobre a visão que ele tinha tido. Ele estava tentado a desistir porque lhe parecia uma terrível presunção acreditar que ele havia recebido um comando direto de Deus. Neste tipo de tentação, quando a pessoa teme que a voz de Deus pode ser a voz do próprio egoísmo, a pessoa deve

se voltar para os outros. É terrivelmente fácil para o desejo nocivo entrar nisso. Quando alguém tem a sensação de uma missão, ele pode facilmente sentir que aqueles que se opõem a ele e atuam como obstáculos são maus. Os verdadeiramente puros de coração nunca caem nessa armadilha.

Pergunta: Cristo disse que aqueles que não estão contra nós, estão conosco. Mas e quanto àqueles que estão contra nós? Que atitude se deve ter em relação a isso?

Bennett: No Sermão da Montanha, Cristo disse: “Não resista ao mal.” Se um homem levou sua bolsa, deixe que ele leve também seu casaco; se ele o faz andar uma milha, ande com ele duas; abençoe quem lhe amaldiçoa; reze para quem lhe despreza e persegue.

Pergunta: A ideia do sofrimento intencional me parece suficientemente fácil, mas a real aplicação disto na vida é muito difícil. É neste ponto que as dúvidas surgem.

Bennett: Você deve compreender que este sofrimento não é algo para se correr atrás. Isto é colocado de forma muito clara no Evangelho quando é descrita a cena no Monte das Oliveiras. “Se este cálice não poderá passar por mim sem que eu o beba, então, seja feita Tua vontade.” Não é algo que se persegue. É tornado perfeitamente claro que não há outra forma para o que tem que ser feito, então tudo se segue. Quando Ananda, o discípulo favorito de Buda, estava desesperado por causa da morte iminente de Gotama, Buda o chamou de volta do monastério para onde ele havia se retirado e o trouxe de volta à sua vida e às suas obrigações. Existem várias histórias desse tipo que mostram que o sofrimento intencional é uma questão de aceitar o sofrimento que surge junto com uma tarefa que tem que ser feita.

Pergunta: No que você disse há algo muito substancial e verdadeiro. Isso tem um efeito profundo. Mas agora, tudo começa a voltar quando eu penso no que se deve fazer neste mundo. Como devemos nos conduzir? Que tipo de atitude devemos ter?

Bennett: Se você vier para dentro deste Trabalho apenas por causa do que você pode obter para você mesmo, você irá se desapontar. Mas, algo mais pode surgir, uma compreensão de que não importa o que alguém pode obter para si, conquanto que se possa fazer algo que é necessário. Este é um passo real em nossa transformação.

Pergunta: Você poderia falar algo mais sobre como essa postura total de serviço pode ser mantida pura sem confusões ou dúvidas ao longo do caminho?

Bennett: O que é necessário é a compreensão. Você sequer ainda experimentou um momento onde você realmente teve essa atitude diante do sofrimento. Sendo assim, isso ainda não lhe pertence. Ainda não está estabelecido em você o que deve ser eliminado, o que deve ser transformado, e o que deve ser aceito. Não há um atalho para isso, mas em algum momento, isso surgirá. Esta compreensão sobre o sofrimento não nos torna perfeitos, mas é um grande avanço não ver o sofrimento como uma aflição. Para isto, o olho interno deve abrir-se, para ver as coisas como elas realmente são. Você enxerga agora o trabalho e vê que o sofrimento é necessário; e você não mais deseja evita-lo, da mesma forma que você não deseja evitar colocar o próximo pé no chão enquanto caminha. No caminho espiritual, a alegria e o sofrimento acompanham um ao outro, como os dois pés, e você chega num ponto onde não mais se importa com qual dos dois pés está no chão. Você percebe o contrário, que é extremamente desconfortável querer que apenas o pé da felicidade esteja sempre no chão.

Fonte: John G. Bennett. 1977. Talks on Beelzebub's Tales. Coombe Springs p. 123-134.

Sugestões de leitura:

- Biografia resumida de Gurdjieff: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/gurd_biog.pdf
- Quarto Caminho: http://www.imagomundi.com.br/quarto_caminho/quarto_caminho.pdf

Tradução: www.imagomundi.com.br